

O CRIADO

um filme de Joseph Losey

com Dirk Bogarde, Sarah Miles, James Fox, Wendy Craig

Cópia Digital Restaurada | *The Servant* | 1963 | Reino Unido | 1h 56min | M/12

Hugo (Dirk Bogarde) é um criado que vai manipulando gradualmente o seu patrão (James Fox), levando-o a resignar-se a uma posição de subserviência, num exercício alucinado de subversão das relações de poder tradicionais. Drama psicológico ambivalente, envolto num ambiente claustrofóbico, o filme afronta o sistema de classes e a fragilidade da aristocracia inglesa. Com argumento de Harold Pinter (na primeira de três colaborações cinematográficas entre o célebre dramaturgo e Losey), *O Criado* conquistou um grande sucesso crítico e comercial, convertendo-se de imediato num clássico contemporâneo e consagrando Bogarde como um dos maiores actores britânicos da sua geração.

Melhor do que eu

O Criado (1963) é considerado um filme sobre a «luta de classes». Não discordo dessa definição, mas acho mais proveitoso descrever a obra de Losey, em linguagem igualmente marxista, como um estudo da «exploração do homem pelo homem». É verdade que existe diferença de classes, até luta, e que a classe alta não sai bem do retrato; mas o criado é uma figura muito atípica enquanto representante da classe baixa, com os seus gostos refinados e o seu maquiavelismo aristocrático, e é francamente uma personagem demoníaca, bem longe da exaltação maniqueísta que algum marxismo faz dos «trabalhadores».

Joseph Losey, é claro, tinha simpatias comunistas, e fugiu dos Estados Unidos em plena histeria macartista. Encontrou em Inglaterra a sociedade ocidental mais socialmente estratificada, e vários dos seus filmes dissecam esse estado de coisas. Mas não fez panfletos: optou por autópsias subtis e perversas, nomeadamente aquelas em que trabalhou com um dramaturgo emergente e notável: Harold Pinter.

O Criado é a adaptação de uma novela de Robin Maugham (sobrinho de Somerset). Nunca li o livro, mas quem o leu diz que se trata de uma obra mais bem comportada, mais moralista, mais chocada com a «inversão de papéis» que está no centro do enredo. Porque *O Criado* é sobre um patrão que se torna criado e um criado que se torna patrão. Há aliás um espelho oval que aparece várias vezes e dá conta dessa inversão.



Festival de Veneza 1963 — Selecção Oficial em Competição



Não é um tema novo. Desde a Idade Média que se permitia, em registo lúdico, essa troca temporária, carnavalesca, mas com a noção de que tudo voltava ao normal num ápice. Depois, a situação foi-se alterando, e sobretudo depois do marxismo tivemos exemplos maiores como *As Criadas* (1947), de Genet, onde a troca de posições já é malsã, permanente, homicida.

A primeira vez que vemos o criado, logo na cena inicial, não diríamos que se trata de um criado. Está bem vestido, hirt, confiante, de chapéu de coco, sobretudo e guarda-chuva, há nele a determinação e um esgar superior. Quando entra em casa do futuro patrão, Losey filma o criado de pé, dominador, e o patrão esparramado numa cadeira de praia, um jovem louro, bem-parecido, boémio, ocioso, *posh*. A distribuição de papéis fica decidida numa negociação laboral que contém uma surda tensão sexual. O patrão (James Fox) é tratado por *sir*, enquanto o criado (Dirk Bogarde) é um *servant*, ou melhor, *manservant*, um mordomo, um valido, uma função arcaica em 1963. O patrão é apatetado, e o criado composto, contido, sisudo. Quanto às suas atribuições, o solteirão endinheirado pede ao criado que «trate de tudo».

E o criado faz tudo o que lhe pedem. Traz almoço numa bandeja reluzente, limpa o pó, escova os fatos, lava a loiça, trata dos resfriados do patrão com uma bacia de água quente. Mas, como se considera um homem de bom gosto, faz mais do que isso. Muda a decoração da casa, usa luvas brancas, tira os objectos de um sítio para o outro, escolhe os vinhos e discorre sobre as castas. Ou seja, torna-se «insubstituível», embora extravase as suas funções e quebre um certo decoro.

Quem não acha graça à personagem é a namorada do patrão (Wendy Craig), uma rapariga meio frígida que não suporta ver Barret, o criado, sempre atrás da porta, sempre a interromper cenas íntimas, sempre a opinar. Um dos momentos mais importantes do filme é quando a namorada do patrão, Susan, se apercebe que quem manda ali é o criado. O que fazer?

O passo seguinte do maquiavélico Barret é trazer Vera, a sua noiva e cúmplice, uma rapariguinha com ar de ingénua promíscua, como criada de dentro. Ele apresenta-a como sua irmã. Ela está incumbida de seduzir o patrão. A deliciosa Sarah Miles faz isso facilmente, com os seus olhos líquidos e boca apetecível, as suas blusas apertadas, as saias subidas que são o grande fetiche deste filme. O patrão, que não faz nada e não tem vontade própria, cai rapidamente nos braços da criada.

A partir daqui, dá-se a reviravolta. Susan ainda tenta humilhar Barret, e pergunta-lhe: «*What do you want from this house?*» Barret, cujo desprezo por Susan é evidente, responde, falsamente submisso: «*I'm the servant, Miss.*» Mas depois o criado e a criada são apanhados nos aposentos do patrão, seminus, numa cena magistral, toda feita de sombras e contrastes, fotografada pelo grande Douglas Slocombe.

Um filme convencional acabava aqui. Mas Pinter, no auge da sua carreira, depois de *A Colecção* (1961) e *O Amante* (1962), entrega-se com verve às relações de poder. Barret, expulso, é mais tarde readmitido, porque o patrão sente a falta dele. Mas volta em *igualdade de circunstâncias*, em igualdade social, como se fossem companheiros de casa, é agressivo, malcriado, embora diga que os dois são como «velhos amigos». Jogam às escondidas, às cartas. Certas conversas, como uma recordação dos tempos da tropa, são Pinter *vintage*: um ambiente homossexual entre os dois homens aparentemente heterossexuais. «Não arranjas melhor do que eu», diz o criado.

O criado vence, manda na casa, enche-a de uma fauna discutível, enquanto o patrão se torna um farrapo humano, está quase sempre no chão, grotesco, a ouvir um disco romântico. É a degradação total. Quando o criado e o patrão brincam, atirando uma bola um ao outro, é o patrão quem está no cimo das escadas, e o criado em baixo, como na sociedade classista. Mas o criado está seguro, orgulhoso. E o patrão tem de se baixar, tem de dobrar a espinha, tem de se tornar um invertebrado.

Pedro Mexia, in *Cinemateca* [ed. Tinta da China, Lisboa, 2013]



«Quando *O Criado* estreou, a reacção da crítica britânica foi extremamente entusiástica, mas os críticos estavam mais interessados nas tensões entre classes do que na atracção entre patrão e criado. [...] “Penso que na altura ficaram um pouco surpreendidos com as implicações do que estaria a acontecer no filme”, comenta Brian Robinson, programador no London Lesbian and Gay Film Festival [...] Robinson recorda um momento no início do filme quando Barrett conhece o seu futuro empregado e o questiona se sabe cozinhar. “Os meus soufflés sempre foram louvados”, gaba-se o criado”. “Numa altura em que a cozinha europeia não estava tão difundida como agora, um homem fazer soufflés em 1963 era algo um pouco suspeito”, sugere Robinson. O sabor continental d’*O Criado* foi precisamente o que apelou aos críticos dos anos 60, mesmo que não lhes interessasse muito a relação entre Barrett e o seu empregado. [...] Inevitavelmente, houve murmuração nas páginas dos jornais sobre o pretensiosismo d’*O Criado*, mas isso teve um enormíssimo efeito libertador no cinema britânico.»

Geoffrey Macnab, *The Independent*